



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO

AO CANADÁ

(24-30 DE JULHO DE 2022)

ENTREVISTA COLETIVA

DURANTE O VOO DE REGRESSO A ROMA

Sexta-feira, 29 de julho de 2022

[Multimídia]

Matteo Bruni:

Boa noite a todos! Santidade, foram dias de peregrinação e penitência em várias etapas com muitos encontros, gestos – o último, comovente, em Iqaluit. Estes dias – como disse Vossa Santidade – não terminam com a partida desta terra; e, também neste sentido, chegamos a este encontro com os jornalistas. Mas o Santo Padre talvez queira dizer-nos algumas palavras antes mesmo de o iniciar...

Papa Francisco:

Boa noite e obrigado pelo vosso acompanhamento, pelo vosso trabalho aqui. Sei que trabalhastes imenso; disseram-me como vos empenhastes! E obrigado também pela companhia. Obrigado!

Matteo Bruni:

Nesta noite, a primeira pergunta é de Jéssica Ka'Nhehsíio Deer, jornalista canadense de origem Inuí.

Jéssica Ka'Nhehsíio DEER (*CBC Radio – Canada Indigenous*)

Como descendente de um sobrevivente duma escola residencial, sei que os sobreviventes e as suas famílias querem ver ações concretas que deem seguimento ao seu pedido de desculpas, incluindo a rejeição da «doutrina da descoberta». Considerando que a mesma ainda está inserida na Constituição e nos sistemas jurídicos do Canadá e dos Estados Unidos, onde as populações indígenas continuam a ser defraudadas das suas terras e desprovidas de poder, não terá sido uma oportunidade perdida para se fazer uma declaração neste sentido durante a sua viagem ao Canadá?

Papa Francisco:

A respeito da última coisa, não compreendo onde está o problema.

Jéssica Ka'Nhehsíio DEER

Está no facto de as populações indígenas estarem ainda hoje privadas de terras e poder, em virtude daquelas Bulas papais e deste conceito da *doutrina da descoberta*.

Quando falo com pessoas indígenas, estas dizem que, ao colonizar as Américas, havia esta «doutrina da descoberta» que de algum modo dava força à ideia de que os povos indígenas dos novos países eram *inferiores* relativamente aos católicos. Foi assim que o Canadá e os Estados Unidos se tornaram «países».

Papa Francisco:

Obrigado pela pergunta. Creio que isso seja um problema de todo o colonialismo. Mesmo hoje! As colonizações ideológicas atuais têm o mesmo esquema. Quem não entra no seu caminho, é inferior. Mas, sobre isso, quero ir mais longe: não eram apenas considerados inferiores, mas havia qualquer teólogo um pouco tresvariado que se interrogava se eles teriam uma alma. Quando João Paulo II foi à África e se deteve na porta onde os escravos eram embarcados [Ilha de Gorée, a porta de não regresso], deu um sinal para que chegássemos a compreender o drama, o drama criminoso: aquelas pessoas eram lançadas no navio, em condições terríveis, e depois eram escravos na América. É verdade que havia vozes que falavam claramente, como por exemplo Bartolomeu de las Casas, Pedro Claver, mas eram a minoria. A consciência da igualdade humana chegou lentamente. E digo *a consciência*, porque ainda há algo no inconsciente... Sempre tivemos – ousou dizer – uma espécie de comportamento colonialista de reduzir a cultura deles à nossa. É algo que deriva do nosso modo «desenvolvido» de viver, e às vezes perdemos valores que eles têm.

Por exemplo: os povos indígenas têm um grande valor que é a harmonia com a criação e, pelo

menos alguns que conheço, expressam-no com a palavra *viver bem* [*bien vivir*]. Esta palavra não significa - como a entendemos nós ocidentais – divertir-se ou dar-se à *dolce vita*, não! Viver bem é preservar a harmonia. E isto, a meu ver, é o grande valor dos povos originários: a harmonia. Estamos habituados a reduzir tudo à cabeça; ao contrário, os povos originários (falo em geral) sabem expressar-se em três linguagens – a da cabeça, a do coração e a das mãos –, mas usando-as conjuntamente. E sabem ter esta linguagem com a criação.

Além disso, que dizer deste progressismo acelerado do desenvolvimento um pouco exagerado, um pouco nevrótico que temos? Não falo contra o desenvolvimento: o desenvolvimento é bom. Mas não é bom com esta ânsia de desenvolvimento... desenvolvimento... desenvolvimento! Olha! Uma das coisas que perdeu a nossa civilização comercial «superdesenvolvida» é a capacidade da poesia: os povos indígenas têm esta capacidade poética. Não é a minha fantasia!

Depois, é verdade que esta *doutrina da colonização* é má, é injusta! Ainda hoje é aplicada de igual modo; talvez com luvas de seda, mas é aplicada hoje. Por exemplo, alguns bispos de certo país disseram-me: «O nosso país, quando pede um empréstimo a uma organização internacional, vê colocar-lhe condições, mesmo legislativas, colonialistas. Para te dar o empréstimo, fazem-te mudar um pouco o teu modo de viver». Voltando à nossa colonização da América, a dos ingleses, dos franceses, dos espanhóis, dos portugueses, quatro [potências coloniais] sempre a braços com este perigo, melhor, com esta mentalidade: «somos superiores, estes indígenas não contam». E isto é grave... Por isso devemos trabalhar naquilo que dizias: ir lá atrás e, por assim dizer, *sanificar* o que se fez mal, com a consciência de que existe ainda hoje o mesmo colonialismo. Pensa, por exemplo, num caso que é universal e tomo a liberdade de o citar: o caso dos rohingya, em Myanmar. Não têm direito à cidadania, são considerados de nível inferior; ainda hoje. Muito obrigado!

Matteo Bruni:

A segunda pergunta, Santidade, vem doutra jornalista canadense, Brittany Hobson.

Brittany HOBSON (*The Canadian Press*)

Boa noite, Papa Francisco. O meu nome é Brittany Hobson, da *Canadian Press*. O Santo Padre diz, frequentemente, que é necessário falar de forma clara, honesta, direta e com ousadia. Como sabe, a Comissão Canadense para a Verdade e a Reconciliação descreveu o sistema das escolas residenciais como *genocídio cultural*, acabando a expressão corrigida simplesmente para *genocídio*. As pessoas que escutaram as suas palavras de desculpa, na semana passada, lamentaram o facto de não ter sido usado o termo genocídio. O Santo Padre usaria este termo e reconheceria que membros da Igreja participaram neste genocídio?

Papa Francisco:

Éverdade! Não usei a palavra, porque não me veio à cabeça, mas descrevi o genocídio e pedi desculpa, pedi perdão por este trabalho que é genocida. Por exemplo, condenei isto: tirar as crianças, mudar a cultura, mudar as mentes, mudar as tradições, mudar uma raça e, por assim dizer, toda uma cultura. Sim, embora genocídio seja uma palavra técnica, não a usei porque não me veio à mente. Mas descrevi a verdade, que era um genocídio. Sim, sem dúvida. Fiquem tranquilos. Comunica que o Papa disse sim, foi genocídio. Obrigado!

Matteo Bruni:

A outra pergunta vem de Valentina Alazraki – já a conhece bem! –, de Televisa.

Maria Valentina ALAZRAKI (*Televisa*)

Papa Francisco, boa noite. Suponhamos que esta viagem ao Canadá tenha sido também um teste, uma prova para ver a sua saúde, aquilo que esta manhã designou como «limitações físicas». Então queríamos saber: depois desta semana, que nos pode dizer sobre as suas futuras viagens? Dizer-nos se quer continuar a viajar assim; se haverá viagens que não pode fazer devido a tais limitações, ou se porventura depois duma semana pensa que a operação ao joelho poderia resolver melhor a situação e viajar de maneira parecida como fazia antes?

Papa Francisco:

Obrigado. Não sei! Não creio que possa continuar com o mesmo ritmo anterior de viagens. Creio que, na minha idade e com esta limitação, devo poupar-me um pouco para poder servir a Igreja ou, ao contrário, pensar na possibilidade de me afastar. Isto – com toda a honestidade o digo – não é uma catástrofe; pode-se mudar de Papa, pode-se mudar, sem problemas! Mas creio que devo limitar um pouco estes esforços. A operação ao joelho não é possível; não é possível no meu caso. Os técnicos dizem que sim, mas temos o problema da anestesia: há dez meses, suportei mais de seis horas de anestesia e ainda sinto os vestígios. Não se joga, não se brinca com a anestesia. E por isso pensa-se que a operação não seja conveniente. Mas procurarei continuar a fazer viagens e estar perto das pessoas, pois creio que a proximidade seja um modo de servir. Mais do que isto, não sinto vontade de avançar. Esperemos... Viagem ao México: não está prevista... ainda!

Maria Valentina ALAZRAKI

E ao Cazaquistão? E, se vai ao Cazaquistão, não deveria porventura ir também à Ucrânia?

Papa Francisco:

Disse que quero ir à Ucrânia. Vejamos o que encontro sobre a mesa ao chegar a casa. Agora gostaria de ir ao Cazaquistão: é uma viagem tranquila, sem muito movimento; trata-se dum congresso de religiões. Mas, por agora, permanece o que está. Também devo ir ao Sudão do Sul antes do Congo, porque é uma viagem com o Arcebispo de Cantuária e com o Bispo da Igreja da Escócia, os três juntos, como nós três demos o retiro há dois anos. Depois o Congo, mas terá de ser no próximo ano, porque agora é a estação das chuvas... Vamos ver. Vontade, não me falta, mas vejamos o que diz a perna.

Matteo Bruni:

A próxima pergunta, Santidade, é de Caroline Pigozzi, de *Paris Match*.

Caroline Pigozzi

Boa noite, Santo Padre. Esta manhã, encontrou no paço episcopal – como sempre faz quando vai a um país – os membros locais da Companhia de Jesus, a sua família. Há nove anos, no regresso da JMJ no Brasil, tinha-lhe perguntado em 28 de julho de 2013 se ainda se sentia jesuíta. A resposta foi positiva. No passado dia 4 de dezembro, depois de ter visto os jesuítas da Grécia em Atenas, Vossa Santidade explicou: «Quando se inicia um processo, é preciso deixá-lo desenvolver-se, deixar que uma obra cresça e depois retirar-se. Assim deve fazer todo o jesuíta, nenhuma obra lhe pertence, porque pertence ao Senhor». Santo Padre, esta declaração poderia ser válida também um dia para um Papa jesuíta?

Papa Francisco:

Creio que sim. Sim!

Caroline Pigozzi

Quer dizer que poderia retirar-se como os jesuítas?

Papa Francisco:

Sim! É uma vocação.

Caroline Pigozzi

A de ser Papa ou a de ser jesuíta?

Papa Francisco:

Que o Senhor Se pronuncie. O jesuíta procura (procura, nem sempre o consegue, mas procura) fazer a vontade do Senhor. E o Papa jesuíta deve fazer o mesmo. Quando fala o Senhor, se Ele te diz «continua», tu continua. Se o Senhor te diz «põe-te de lado», tu retira-te. Mas é o Senhor que decide.

Caroline Pigozzi

Mas o que está a dizer significa que espera a morte naquele ponto!

Papa Francisco:

Mas, todos esperamos a morte.

Caroline Pigozzi

Não é isso! O que eu queria dizer: não se retira antes?

Papa Francisco:

Será aquilo que o Senhor disser. O Senhor pode dizer: «demite-te»! É o Senhor quem manda. Uma coisa sobre Santo Inácio (isto é importante): quando alguém estava cansado, doente, dizia a Santo Inácio: «Não posso fazer a oração», e ele dispensava da oração. Mas nunca dispensava do exame de consciência: ver duas vezes por dia o que aconteceu... Não é questão de pecados ou não pecados! Mas: «hoje que espírito me moveu?» Dizia ele que a nossa vocação era procurar ver o que sucedeu hoje. Se vejo, por hipótese, que o Senhor me diz alguma coisa, me dá uma inspiração disto ou daquilo, devo fazer um discernimento para ver o que me pede o Senhor. E pode suceder que o Senhor queira mandar-me retirar. Cabe-Lhe a Ele. É Ele que manda. Creio que este é o modo religioso de viver dum jesuíta: permanecer no discernimento espiritual para tomar decisões, escolher vias de trabalho e escolher também os compromissos. O discernimento é um ponto chave na vocação do jesuíta. Isto é importante. Nisto, Santo Inácio era muito firme, porque foi a própria experiência do discernimento espiritual que o levou à conversão. E os Exercícios Espirituais são verdadeiramente uma escola de discernimento. Assim, por vocação, o jesuíta deve ser um homem de discernimento: discernir as situações, discernir a própria consciência, discernir as decisões a tomar. E por isso deve estar aberto a tudo o que o Senhor lhe pedir. Isto é um pouco a nossa espiritualidade.

Caroline Pigozzi

Mas agora, Santidade, sente-se mais Papa ou mais jesuíta?

Papa Francisco:

Nunca fiz tal medição; nunca a fiz. Sinto-me um servidor do Senhor, com o hábito jesuíta, porque não existe uma espiritualidade papal. Esta não existe. Cada Papa continua com a própria espiritualidade. Pensa em São João Paulo II, com aquela estupenda espiritualidade mariana que possuía: tinha-a antes e manteve-a como Papa. Pensa em tantos Papas que continuaram com a própria espiritualidade. O papado não é uma espiritualidade; é um trabalho, uma função, um serviço, mas cada qual realiza-o segundo a própria espiritualidade, a graça própria, com a própria fidelidade e mesmo com os seus próprios pecados. Mas não há uma espiritualidade papal. Por isso não é possível a comparação entre a espiritualidade jesuíta e a espiritualidade papal, porque esta última não existe. Entendeste? Obrigado, Obrigado!

Matteo Bruni:

A seguinte pergunta, Santidade, provem duma jornalista alemã, Severina Bartonitschek, da Agência de Imprensa Católica Alemã.

Severina Elisabeth BARTONITSCHKEK (*CIC*)

Boa noite, Santo Padre! Ontem falou também da fraternidade da Igreja, duma comunidade que sabe escutar e estabelecer diálogo, que promove uma boa qualidade das relações. Há poucos dias, porém, apareceu sem assinatura uma declaração da Santa Sé sobre o Caminho Sinodal da Alemanha. Santidade, pensa que um tal modo de comunicar contribua ou seja de obstáculo para o diálogo?

Papa Francisco:

Primeiro, aquele Comunicado fê-lo a Secretaria de Estado; foi um erro não o explicitar ao fim... Creio que se dizia «Comunicado da Secretaria de Estado», mas não tenho a certeza. Foi um erro, porém, não assinar como Secretaria de Estado, um erro do departamento, não má vontade. Isto, a propósito da última coisa. Quanto ao *sogeannter sinodaler Weg*, ao caminho sinodal, escrevi uma carta (fi-la sozinho, gastou-me um mês de oração, reflexão, investigação) e disse tudo o que devia dizer sobre o Caminho Sinodal... Mais do que aquilo, não vou dizer. Aquela carta que escrevi há dois [três] anos, é o magistério papal sobre o Caminho Sinodal. Contornei a Cúria, porque não fiz qualquer consulta. Fi-la como um caminho pessoal e também como pastor a bem duma Igreja que procura um caminho, como irmão, como pai, como crente. Assim a fiz. E esta é a minha mensagem. Sei que não é fácil, mas está tudo lá, naquela carta. Obrigado.

Matteo Bruni:

A próxima pergunta é de Ignazio Ingrao, de Raiuno.

Ignazio Ingrao (*RAI - TG1*)

A Itália está a atravessar um momento difícil que suscita preocupação mesmo a nível internacional. Temos a crise económica, a pandemia, a guerra e agora encontramos-nos também sem um governo. O Santo Padre é o Primaz da Itália: no telegrama que dirigiu ao Presidente Mattarella pelo aniversário natalício dele, falava dum país marcado por diversas dificuldades e chamado a fazer escolhas cruciais. Como sentiu a queda de Draghi?

Papa Francisco:

Em primeiro lugar, não quero envolver-me na política interna italiana. Segundo: Ninguém pode dizer que o presidente Draghi não fosse um homem de alta qualidade internacional. Foi presidente do Banco Central Europeu, digamos, com uma boa carreira. Depois fiz uma pergunta apenas a um dos meus colaboradores: «Diz-me! Quantos governos teve a Itália neste século?» Respondeu-me: «20». Esta é a minha resposta.

Ignazio Ingrao

Entretanto, Santo Padre, tendo presente estas difíceis eleições, que apelo faria às forças políticas?

Papa Francisco:

Responsabilidade. Responsabilidade cívica.

Matteo Bruni:

Obrigado, Santidade! Obrigado, Ignazio. E a próxima pergunta é duma jornalista do *Religion News Service*, Claire Giangravè.

Claire Giangravè (*Religion News Service*)

Viva, Santo Padre! Boa noite. Muitos católicos, mas também muitos teólogos, creem que há necessidade dum desenvolvimento na doutrina da Igreja relativa aos anticoncetivos. Parece que o seu antecessor João Paulo I pensava que talvez necessitasse duma reavaliação a proibição total. Santidade, que pensa disto, ou seja – resumindo – está aberto a uma reavaliação neste sentido? É possível um casal tomar em consideração os anticoncetivos?

Papa Francisco:

Compreendi! Trata-se duma coisa muito concreta. Sabei que o dogma, a moral, se encontra sempre num caminho de desenvolvimento, mas desenvolvimento na mesma direção. Acho que já falei disto aqui outras vezes: no desenvolvimento duma questão moral, dum desenvolvimento

teológico – digamos assim – ou dogmático, há uma regra que é muito clara e esclarecedora, que explicitou no século V um francês, Vicente de Lérins. Diz ele que a verdadeira doutrina, não deve ficar estagnada, mas avançar, desenvolver-se *ut annis consolidetur, dilatetur tempore, sublimetur aetate*. Ou seja, consolida-se com o tempo: dilata-se, consolida-se e torna-se mais firme, mas sempre progredindo. Por isso o dever dos teólogos é a pesquisa, a reflexão teológica. Não se pode fazer teologia com um «não» à frente. Será depois o Magistério que poderá dizer: «Não! Foste demasiado longe, volta atrás». Mas o desenvolvimento teológico deve ser aberto; para isso servem os teólogos. E o Magistério deve ajudar a compreender os limites. Sobre o problema dos anticoncetivos, sei que saiu uma publicação sobre esse e outros temas matrimoniais. São as atas dum congresso e, no congresso, temos os estudos, depois discutem entre eles e fazem as propostas. Devemos ser claros: aqueles que realizaram este congresso fizeram o seu dever, porque procuraram avançar na doutrina, mas no sentido da Igreja, não fora, como disse com aquela regra de Vicente de Lérins. Depois o Magistério dirá: «Sim, está bem» ou «não está bem».

Mas, há tantas coisas postas em questão. Pensa, por exemplo, nas armas atómicas: hoje declarei oficialmente que é imoral o uso e a posse das armas atómicas. Pensa na pena de morte: primeiro dizia-se sim à pena de morte; agora posso dizer que estamos perto de defender a sua imoralidade, porque se desenvolveu bem a consciência moral...

Assim quando o dogma ou a moral se desenvolve, deve seguir na mesma direção, atendo-se às três regras de Vicente de Lérins. Creio que isto seja claro: uma Igreja que não desenvolve em sentido eclesial o seu pensamento, é uma Igreja que vai para trás. E este é o problema atual de muitos que se dizem «tradicionais». Não! Não são tradicionais, são «retrógradas», vão para trás. Não têm raízes, limitam-se a dizer que sempre se fez assim, no século passado fez-se assim. E o «retrogradismo» é um pecado, porque não avança com a Igreja. Ao contrário, a tradição – dizia alguém; creio que o referi num dos discursos – é a fé viva dos mortos enquanto que, para esses retrógradas que se dizem tradicionais, é a fé morta dos vivos. A tradição é precisamente a raiz de inspiração para avançar na Igreja. E isto é sempre vertical. O «retrogradismo» é andar para trás, é sempre fechado. É importante compreender bem o papel da tradição, que está sempre aberta, como as raízes da árvore, e a árvore cresce assim... Um músico, Gustav Mahler, costumava dizer uma frase muito bela: a tradição neste sentido é a garantia do futuro; é a garantia, não é uma peça de museu. Se tu imaginas fechada a tradição, esta não é a tradição cristã. É sempre a seiva das raízes que te leva para a frente, que faz avançar... Assim, a propósito do que dizias, ou seja, que é preciso pensar e levar para diante a fé e a moral: enquanto segue na direção das raízes, da seiva, está bem. Com estas três regras de Vicente de Lérins que mencionei.

Matteo Bruni:

Há ainda uma pergunta por parte de Eva Fernandez, da Cope.

Eva Fernandez (*Cadeia Cope*)

Santo Padre, temos um Consistório no final de agosto. Muitos Ihe têm perguntado ultimamente se já pensou em demitir-se... Não se preocupe! Desta vez não Iho perguntaremos, mas estamos curiosos de saber, Santo Padre, se já alguma vez pensou nas características que gostaria que tivesse o seu sucessor?

Papa Francisco:

Isso é um trabalho do Espírito Santo, sabes? Não ousaria jamais pensá-lo. Isso, o Espírito Santo sabe-o fazer melhor do que eu, melhor do que todos nós. Pois inspira as decisões do Papa; sempre as inspira. Porque Ele está vivo na Igreja; não se pode conceber a Igreja sem o Espírito Santo. É Ele que faz as diferenças, cria também a barafunda (pensa na manhã de Pentecostes), mas depois faz a harmonia. É mais importante falar de «harmonia» do que de «unidade». Unidade, mas como harmonia, não como uma coisa fixa. O Espírito Santo dá-te uma harmonia que é progressiva, que avança. Gosto do que diz São Basílio a propósito do Espírito Santo: «*Ipse harmonia est* – Ele é harmonia». É harmonia porque, primeiro, faz a barafunda com a diferença dos carismas. Deixemos, pois, esse trabalho para o Espírito Santo. Acerca das minhas demissões, quero agradecer um lindo artigo feito por uma de vós sobre todos os sinais que poderiam levar a uma demissão e todos os sinais que estão a aparecer. É um bom trabalho jornalístico, de um jornalista que no final dá a sua opinião. Importa ver também os sinais, não apenas as declarações; aquela linguagem subterrânea que também dá sinais. Saber ler os sinais ou pelo menos fazer um esforço de interpretação acrescentando que pode ser isto ou pode ser aquilo: trata-se dum bom trabalho vosso e muito o agradeço.

Matteo Bruni:

Então, talvez uma última pergunta de Phoebe Natanson, de ABC.

Phoebe Natanson (*ABC News*)

Desculpe, Santo Padre! Sei que já teve muitas perguntas deste tipo, mas eu queria pedir-Ihe: neste período, com as dificuldades da saúde e tudo o mais, alguma vez Ihe passou pela ideia que esta poderia ser a hora de se retirar? Teve problemas que Ihe fizeram pensar nisso? Houve momentos difíceis que Ihe fizeram pensar nisso?

Papa Francisco:

A porta permanece aberta; é uma das opções normais. Mas até ao dia de hoje não bati àquela porta, não disse: «Irei por este corredor...». Não me veio a vontade de pensar nessa possibilidade. Isto não quer dizer que depois de amanhã não o comece a pensar, não é verdade? Mas, neste momento, sinceramente não. Mesmo esta viagem serviu um pouco de teste... É verdade que não se podem fazer viagens neste estado; talvez se deva mudar um pouco o estilo,

diminuir, saldar as viagens em dívida que ainda faltam fazer, reorganizar... Mas, caberá ao Senhor dizê-lo. A porta permanece aberta, isso é verdade.

Antes de vos deixar, porém, gostava de falar duma coisa que considero importante. A viagem aqui no Canadá estava muito ligada à figura de Santa Ana. Disse algumas coisas sobre as mulheres, sobretudo idosas: as mães e as avós. E sublinhei algo que é claro: a fé deve ser transmitida «no dialeto», e – disse-o claramente – no dialeto materno, o dialeto das avós. Recebemos a fé nesta forma dialetal feminina, e isto é muito importante: o papel da mulher na transmissão da fé e no desenvolvimento da fé. São a mãe ou a avó que ensinam a rezar; são a mãe ou a avó que explicam as primeiras coisas da fé que a criança não compreende. E atrevo-me a dizer que esta transmissão «dialeto» da fé é feminina. Alguém poderá dizer-me: mas, teologicamente, como o explica? Responderia: porque quem transmite a fé é a Igreja, e a Igreja é mulher, a Igreja é esposa; a Igreja não é masculina, a Igreja é mulher. E devemos entrar nesta noção da Igreja mulher, da Igreja mãe, que é mais importante do que qualquer fantasia ministerial machista ou qualquer poder machista. A Igreja *mater*, a maternidade da Igreja. Aquela que é a figura da Mãe do Senhor. Neste sentido, há que sublinhar a importância na transmissão da fé deste dialeto materno. Descobri isto ao ler, por exemplo, o martírio dos Macabeus (cf. *2 Mac 7*): lá se diz por duas ou três vezes que a mãe os encorajava em dialeto materno. A fé deve ser transmitida em dialeto. E tal dialeto é falado pelas mulheres. Esta é a grande alegria da Igreja, porque a Igreja é mulher, a Igreja é esposa. Quis deixar isto claro, pensando em Santa Ana. Obrigado! Obrigado pela paciência! Obrigado pela atenção! Descansai e boa viagem. Obrigado!

Matteo Bruni:

Nós é que agradecemos ao Santo Padre. Obrigado, Santidade!